

Arte/corpo/cidade: uma estética do magistério pela arte

Adair de Aguiar Neitzel 

(Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí/SC, Brasil)

Flávia Brocchetto Ramos 

(Universidade de Caxias do Sul – UCS, Caxias do Sul/RS, Brasil)

RESUMO – Arte/corpo/cidade: uma estética do magistério pela arte – Este artigo traz uma pesquisa a/r/tográfica que faz uso da fundamentação cartográfica e da sociopoética. O objetivo foi explorar o percebido e o vivido, como bagagem artística/cultural, por estudantes do curso de Pedagogia. Os instrumentos de geração de dados foram: cartografias afetivas, fotografias, narrativas das estudantes, áudios e diário de campo das pesquisadoras. Os resultados sinalizam que as acadêmicas fizeram o exercício poético de enxergar a arte na cidade, aguçando sua percepção. Elas mostraram desconfortos diante de objetos de arte e mobilizaram-se para com eles interagir, surpreendendo-se. Os objetos estéticos, quando não apartados da vida, podem, portanto, potencializar a aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE

Proposições estéticas. Arte. Formação de professores em arte.

ABSTRACT – Art/body/city: an aesthetics of teaching through art – This article brings an a/r/tographic research that makes use of cartographic and sociopoetic foundations. The objective was to explore what was perceived and experienced, as artistic/cultural background, by students of the Pedagogy course. The data generation instruments were: affective cartographies, photographs, students' narratives, audios and researchers' field diary. The results indicate that the students performed the poetic exercise of seeing art in the city, sharpening their perception. They showed discomfort in front of art objects and mobilized themselves to interact with them, surprising themselves. Therefore, aesthetic objects, when not separated from life, can enhance learning.

KEYWORDS

Aesthetic propositions. Art. Teacher training in art.

RESUMEN – Arte/cuerpo/ciudad: una estética del magisterio por el arte – Este artículo trae una investigación a/r/tográfica que hace uso de la fundamentación cartográfica y de la sociopoética. El objetivo fue explorar lo percibido y lo vivido, como bagaje artístico/cultural, por estudiantes del curso de Pedagogía. Los instrumentos de generación de datos fueron: cartografías afectivas, fotografías, narrativas de las estudiantes, audios y diario de campo de las investigadoras. Los resultados señalan que las alumnas hicieron el ejercicio poético de ver al arte en la ciudad, agudizando su percepción. Ellas se mostraron incómodas delante de objetos de arte y se movilizaron para interactuar con ellos, sorprendiéndose. Los objetos estéticos, cuando no apartados de la vida, pueden, por tanto, potencializar el aprendizaje.

PALABRAS CLAVE

Proposiciones estéticas. Arte. Formación de profesores en arte.

Introdução

*Apenas ficar aqui
por força ficar aqui
até que a palavra morar
faça sentido.
(Marques, 2017a, p. 21).*

Onde você mora? Que lugar você habita? Nós, autoras deste texto, estamos situadas em determinada cidade, numa rua, numa casa, num bairro, mas, por vezes, a palavra “morar” não faz sentido se vamos dizer que ali moramos. O que significa *morar* com a provocação feita pela epígrafe? Parece-nos que morar tem relação com ocupar o local e, também, ser ocupada, ser tomada por ele. Morar implica saber o que existe se olho pela janela, reconhecer os cheiros como os felinos ou os caninos que nos rodeiam. Será que eles habitam mais a rua onde vivem do que os humanos? O que colhemos e plantamos no local onde moramos? Levamos cheiros do espaço conosco? Comungamos com as poéticas desses espaços? E que aromas deixamos? Que pegadas, que rastros ficam pelos nossos caminhos? Para colhermos, há de plantarmos!

Arroyo, no texto *Celebração da colheita*, enfatiza a urgência de a Pedagogia escolar fazer uso da arte como arte, sem lançar sobre ela um olhar portador de temas e didáticas, propondo a desconstrução da visão utilitarista e escolarizada das artes. Para o pesquisador, as “[...] artes podem mostrar-nos que em nosso ofício há poesia, emoção, fantasia, medo, ternura, tragédia [...], materiais riquíssimos para um trato estético. Podem revelar perfis de mestres mais plenos e mais frágeis” (Arroyo, 2008, p. 127). Acrescentamos que, na arte, há vida vivida e, conseqüentemente, nossas incompreensões e incertezas.

Arroyo (2008, p. 127) também nos convida a pensar na potência da arte na escola, evidenciando a necessidade de ela entrar na escola como arte, “[...] a escola, a pedagogia, a didática, a formação de professores e de alunos têm de ir ao encontro das artes”. O autor defende uma estética do magistério cotejada pela

arte, conceituando-a como “[...] um saber-fazer carregado de dimensões artísticas, poéticas [...]” (Arroyo, 2008, p. 126), lembrando que a docência também é espaço de poesia, de fantasia, de afetos e de invenção. O autor não aparta a experiência estética das ações cognitivas, ao contrário, enfatiza que ela é inerente à produção e à apreensão dos múltiplos significados da vida.

Esse mesmo assunto é retomado em 2021 por vários pesquisadores que investigam em rede, trabalho sistematizado em Icle (2021), no qual se problematiza as contribuições que as artes oferecem à Pedagogia, defendendo a especificidade de uma formação contida em processos criativos. As pesquisas sinalizam como a dimensão pedagógica pode ser afetada e está entrelaçada a processos de criação, evidenciando manifestações que emergiram desse movimento, entre elas: a escuta do outro; a atuação simbólica em relação ao outro; a disposição a experiências compartilhadas; a ampliação do espectro das percepções sensoriais; o trabalhar sobre si; a ação na incerteza; e a busca pela precisão da forma artística a ser transmitida (Pupo, 2021).

Gatti, Guimarães e Puig (2022), na mesma linha, elaboraram uma cartografia na formação de professores para a Educação Básica e apontam práticas e soluções inovadoras em propostas curriculares. Ao identificarem e analisarem cursos de formação inicial de professores no Brasil (licenciaturas) que apresentem inovações em termos de práticas e dinâmicas curriculares, os pesquisadores da Cátedra Alfredo Bosi de Educação Básica chamam atenção para a necessidade de novas práticas e soluções curriculares e pedagógicas, na permanente qualificação e no aprimoramento do fazer docente. Ao mostrar os diferenciais em relação às propostas curriculares habitualmente praticadas nos cursos de licenciatura, são trazidas práticas de formação renovadas, metodologias diferenciadas, práticas desenvolvidas a partir de referenciais interdisciplinares e transversais. É uma outra forma de pensar a estética da docência, amparada no conceito de inovação, ações que são novas e originais

[...] no lugar em que elas são incorporadas, ou seja, algo é inovador em um determinado lugar e contexto em dado tempo, o que implica que as características que definem uma prática como inovadora em um lugar podem não ser em outro, ou em certa temporalidade e não em outra (Gatti; Guimarães; Puig, 2022, p. 9).

Além dessa obra que trata das inovações nos cursos de licenciatura para a Educação Básica, encontramos muitas teses e dissertações no banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) que sinalizam um movimento nos grupos de pesquisa em mobilizar mudanças nos cursos de licenciatura, como é o caso da tese de Pareja (2021). Sua pesquisa aponta uma inovação na matriz curricular do curso de Letras no ensino da literatura, assim como na mediação operada pela professora de literatura, evidenciando como proposições estéticas e mediações provocadoras podem otimizar o *fazer uma experiência* na formação de professores. A tese parte da hipótese de que se um professor, na sua formação inicial, se constitui um leitor encarnado, educado esteticamente, vai atuar como um mediador de leitura do literário que explora adequadamente a função estética da literatura na Educação Básica.

A dimensão poética da literatura, por vezes, tende a ser apagada no cotidiano escolar. Com delicadeza, a tese de Marangoni (2015) sopra uma brisa em direção contrária a esse apagamento, ao eleger a criança como interlocutora e fazer uma curadoria da poesia como arte da palavra. Na tese *Brincadências com a poesia infantil: um quintal para o letramento poético*, Marangoni (2015), ao tratar a poesia veiculada em obras do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), busca removê-la de uma terra de ninguém e cria uma proposta de quintal de poesia em que a experiência estética é o centro da aula de literatura com estudantes do Ensino Fundamental. Na mesma linha, Giacomini (2022) leva a poesia em obras selecionadas pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) literário e faz da poesia objeto de estudo com crianças da pré-escola, a fim de contribuir com práticas educativas que promovem a literatura como um direito das crianças. Não basta o material ser artístico, a abordagem pedagógica precisa

reconhecer a sua natureza e, ainda, potencializá-la nas práticas educativas. Aprendemos a apreciar a arte! As trilhas educativas estão sendo construídas.

Há um pressuposto que atravessa essas pesquisas, o de que a experiência estética mobiliza saberes importantes para a formação do licenciando. Neste contexto de discussão sobre a formação inicial de professores da Educação Básica, iniciou-se, em 2022, uma pesquisa na América Latina, coordenada pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, intitulada *Formação docente em e com artes/culturas*, envolvendo 24 universidades, com o objetivo de investigar a arte nos cursos de Pedagogia, tendo como sujeitos os estudantes desse curso. Algumas das inquietações que sustentaram a pesquisa foram: Qual é a coleção de exemplos que os estudantes vão compondo durante suas trajetórias na escola? Como a escola tem ampliado seus saberes em relação à arte e à cultura? A leitura de mundo dos artistas transformada em obras se tornou alimento para nossa própria leitura de mundo, sejam elas reais, imaginadas, idealizadas, surreais, abstratizadas, performáticas?

Este artigo apresenta resultados dessa investigação, em particular acerca da Proposição estética intitulada “Arte/corpo/cidade”, cujo objetivo foi explorar o que é percebido e o que foi vivido como bagagem artística/cultural por estudantes do curso de Pedagogia, o que levará a refletir também sobre as práticas artísticas/culturais oferecidas neste curso, nas disciplinas responsáveis por arte e para além dela. A sala de aula nessa proposição desloca-se. Não é mais aquela de quatro paredes dentro de um bloco no *campus* universitário. A cidade educa e buscamos nela outros cenários que poderiam educar. Por tratar-se de uma investigação situada no campo das artes e da educação, elegemos a arte que vive na cidade e definimos uma pergunta para nos guiar neste artigo: O que se aprende ao caminhar pela cidade? Observemos que o caminhar muito se distingue do ser motorista ou mesmo passageiro em veículo motorizado.

Gadotti (2005), ao tratar da educação formal e não-formal, pontua sobre o direito que as crianças têm à cidade e, por extensão, os adultos, os velhos. Nessa linha, citamos também o estudo de Meira (2022, p. 11), que discorre acerca de experiências vividas por crianças na cidade de Porto Alegre e expõe que as “[...] crianças olham para sua cidade de forma diferenciada, mas para que isso seja registrado, há que atravessar espelhos que a sociedade imprime inconscientemente no laço social”. Um caminho para atravessar os espelhos seria investir na formação de seus professores. Esse caminhar pela cidade nos levará à compreensão de que a cidade pode ser nossa, não dos veículos. E se é nossa, cabe a nós habitá-la, vivê-la. E assim uma turma de estudantes do curso de Pedagogia foi perambular para ver, ouvir, sentir, ... viver a cidade, para, quem sabe, MORAR nela.

Percurso metodológico

Esta é uma pesquisa qualitativa e a/r/tográfica, que utiliza também a fundamentação cartográfica e sociopoética. O projeto *Formação docente em e com artes/culturas* é desenvolvido em rede e foi aprovado pelo Comitê de Ética da instituição proponente. Para implementá-la, os grupos de pesquisa das universidades envolvidas planejaram proposições estéticas nas áreas das artes visuais, literatura, música e *performance* corporal. Essas proposições visavam a provocar os acadêmicos do curso de Pedagogia a fazerem uma experiência sensível, sendo um convite para a estesia. Entendemos que, para fazer uma experiência com a arte, é fundamental uma relação de fruição com o objeto artístico e estético, possibilitando momentos de apreciação que se dão junto à reflexão e, nessa relação, o sujeito pode afetar-se. As proposições tinham, dessa forma, o objetivo de nutrir esteticamente os estudantes.

Cada instituição que fazia parte dessa rede de pesquisadores elaborou proposições, sendo produzidas 21 ao todo. Destas, o grupo decidiu aplicar cinco proposições estéticas, sendo cada universidade orientada a escolher pelo menos

três para desenvolver com um grupo de acadêmicas de Pedagogia. Este artigo apresenta as reflexões que produzimos a partir da proposição intitulada *Corpo/arte/cidade* experienciada por nove acadêmicas do curso de Pedagogia de uma universidade do Sul do Brasil, da rede da Associação Catarinense das Fundações Educacionais (Acafe). A proposição consistia em caminhar pelas ruas da sua cidade, em grupos, fotografando o que consideravam arte, registrando imagens, objetos e sons que causavam estranhamentos, sinalizando suas percepções e seus sentimentos nesse percurso.

Solicitamos que as acadêmicas, nesse movimento de registro, fizessem uma cartografia afetiva para compartilhar com os colegas no próximo encontro da disciplina, na universidade. Seria um momento para refletir sobre como os espaços urbanos são ocupados, observando os artefatos culturais que se encontram nesse percurso, registrando o que viram, sentiram a respeito da (im)potência desses espaços, compartilhando a experiência vivida.

A pesquisa foi acompanhada por seis pesquisadoras, sendo uma delas professora regente da turma, na disciplina de Educação Musical, ministrada para o segundo período do curso de Pedagogia, modalidade presencial, período noturno. Foram destinados dois encontros para essa proposição, sendo um encontro para percorrerem as ruas da cidade delimitadas pelas pesquisadoras e outro encontro na universidade para compartilhar as experiências. Cada grupo fez a curadoria do material coletado, apresentando-o nesse encontro na universidade. Constam dos materiais construídos fotografias, áudios de sons e barulhos escutados, uma cartografia afetiva que continha as percepções e os sentimentos das acadêmicas.

Dessa forma, as fotografias que apresentamos, neste artigo, são as selecionadas pelos grupos. As narrativas das acadêmicas foram registradas por meio de dois instrumentos: a cartografia afetiva elaborada por elas no percurso e o diário de campo das pesquisadoras gerado durante a caminhada pela cidade e,

também, com registros sobre a apresentação na universidade. Em síntese, nossa pesquisa ancora-se nos procedimentos metodológicos apresentados na Figura 1.

Figura 1 – Procedimentos metodológicos



Fonte: Elaborada pelas pesquisadoras.

Cartografias afetivas: arte/corpo/cidade

*Quando alugamos um apartamento alugamos
uma paisagem alugamos vizinhos com os quais
cruzamos no elevador a temperatura das
manhãs
determinados barulhos certas incidências
do sol poeira alugamos as palavras
que nos dirigem os porteiros as distâncias
relativas
dos lugares que frequentamos os lugares [...].
(Marques, 2017b, p. 23).*

Os moradores de uma cidade são usuários do espaço. O espaço é de todos, os quais podem usufruir dele. Talvez a relação com o espaço que habitamos seja mais de inquilinato do que de propriedade. Os moradores são (pensamos) mais passageiros do que os ambientes como o Museu, a Igreja Matriz (não qualquer igreja – a Matriz). Contudo, os habitantes de uma cidade, seja como inquilinos ou

proprietários, têm o direito a habitá-la. Como nosso curso é noturno, o momento eleito para ocupar a cidade foi a noite. Se o perambular fosse diurno, outras seriam as percepções das alunas. Nessa proposição, as estudantes foram convidadas a identificar o que classificavam como arte. Previamente, a professora estabeleceu um caminho a ser seguido. Assim, se o espaço percorrido na cidade fosse outro, outras seriam as manifestações captadas. Para discutir o percurso cartográfico das estudantes, vamos tomar de empréstimo o arranjo proposto por Martins e Demarchi (2016) acerca das proposições estéticas da exposição *Educação como Matéria-Prima*, no Museu de Arte Moderna (MAM) de São Paulo, em especial os trabalhos de Jorge Menna Barreto, Amilcar Packer e Luiz Camnitzer. As pesquisadoras ocuparam-se em problematizar as possíveis matérias-primas da educação, a partir da curadoria educativa proposta sobre a produção desses três artistas, e elas o fizeram pela tríade: sensorial, provocação e interação.

O sensorial: um convite

*[...] uma membrana entre o corpo e a noite
um filtro para as formas do mundo
anteparo contra os golpes do dia, onde as vigas
se põem a cantar.
(Marques, 2017c, p. 11).*

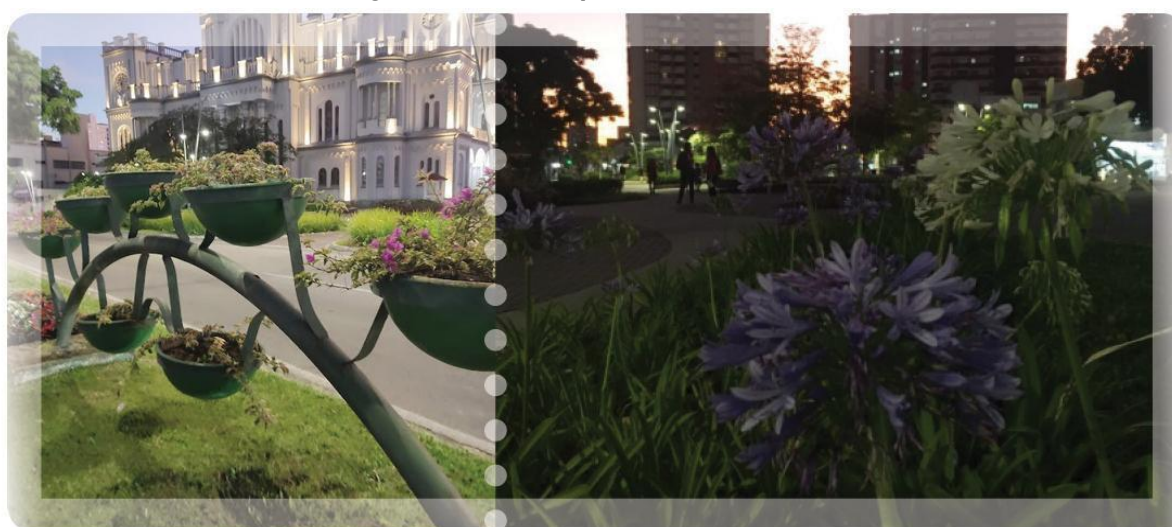
Que território é este que as estudantes de Pedagogia estão prestes a entrar ao anoitecer? A praça do centro da cidade de Itajaí, Santa Catarina, é uma área de muitos passantes, onde olhares se cruzam. Operários que voltam para casa no ônibus lotado, pais que buscam os filhos na escola no final da tarde, motoristas que se mostram ansiosos e irritados pelo constante engarrafamento no trânsito, estudantes que, ao final de uma jornada de trabalho, se dirigem para a universidade. Esses grupos e muitos outros passam de ônibus, carro, bicicleta ou a pé por esse território muitas vezes invisível. Sua natureza é funcional, não simbólica. Não é um território, é apenas uma passagem. Um espaço que perdeu sua marca identitária, porque foi naturalizado e negligenciado, conforme relataram as estudantes durante sua apresentação oral, registrado por uma das pesquisadoras: “Passamos todos os dias no lugar, mas naquele dia paramos para

admirá-lo”. Passamos pela praça de manhã, à tarde ou à noite e, em cada horário, há uma singularidade.

Com o convite para que explorassem o espaço, fazendo um itinerário próprio, não demarcado, fotografando o que consideravam arte, registrando imagens e objetos que causassem os mais variados sentimentos e sensações, se revelou o desejo de que elas pudessem se relacionar com esse espaço, fazer escolhas, apurar o olhar e criar intimidade com ele, habitando-o, ressignificando-o, mergulhando em uma experiência estética e sensorial. No entanto, para fazermos uma experiência estética, muitas vezes é preciso “ousar tirar os sapatos”, como afirmam Martins e Demarchi (2016, p. 134), para, assim, “[...] nos deslocar para lê-los como em uma dança que os rodeia para a leitura, ou a ‘desleitura’”.

Quais são os afetos impressos no corpo dessas estudantes e adormecidos pela rudeza do dia a dia, que foram acordados nessa ação noturna? O Grupo 1 apontou o espaço externo e, nesse perambular pelas ruas, elegeu os jardins próximos à Igreja Matriz (Figura 2) e destacou o perfume que emana dos jasmims, os quais remetem à infância. Em cada parte do dia, as flores exalam sutilezas nos seus perfumes!

Figura 2 – Jardins próximos à Matriz



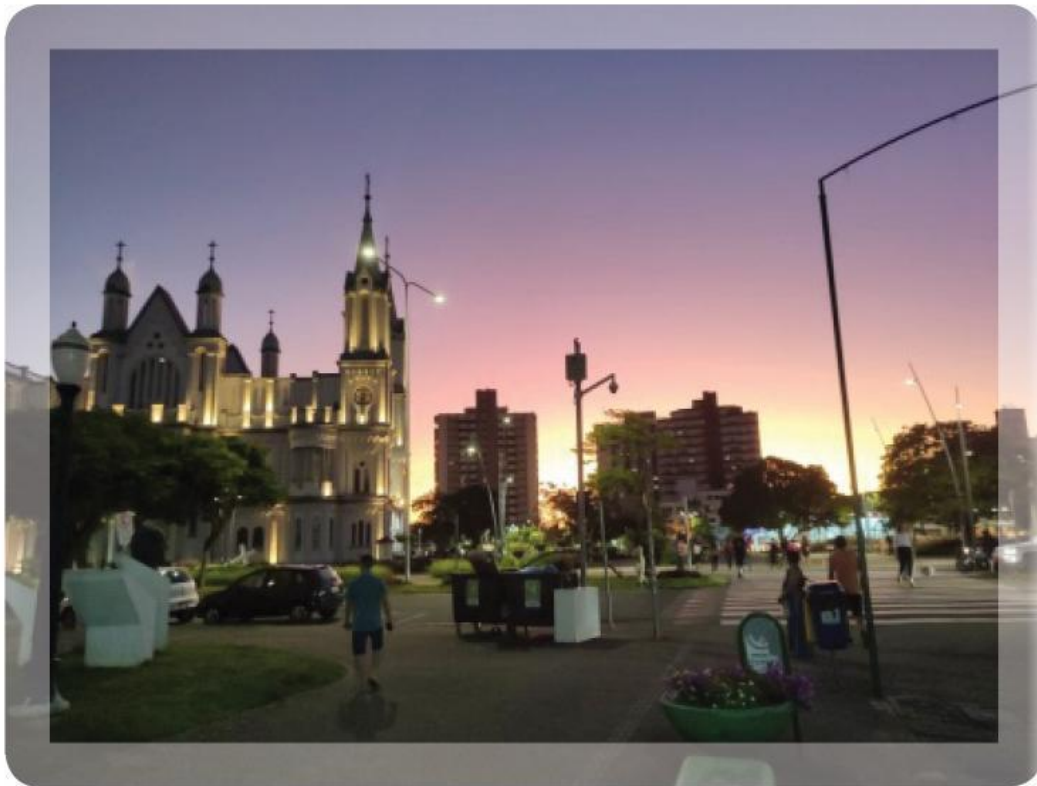
Fonte: Curadoria do Grupo 1.

A percepção do grupo está guiada pela fome de beleza e pela memória e, quando a memória reconhece algo que lhe agrada, o ser para, sente e vive. Sobre essas memórias, trazemos uma declaração sensível de Adélia Prado em entrevista:

Eu conheci um operário, ferroviário, ele estava fazendo, arrumando a casa dele. Então ele fez um jardim. Eu falei: Ai que bom, você tá fazendo uma reforma bacana aí. Ele falou: Tô! Eu vou fazer um jardim aqui, mas não é desse quadrado sem poesia, não, vou fazer umas coisas assim, que têm umas voltas. Ele é uma pessoa barroca, não é? Sem saber o que é barroco. Bem barroco. Disse: Eu vou fazer umas voltas e ali na platibanda da casa eu vou fazer uns fingimentos. Olhe o homem, a alma desse operário, desse ferroviário que vivia com a camisa cheia de graxa, eu o conheci pessoalmente, é o poeta! [...]. É isso. Essa fome de beleza, ela é universal. Nós não podemos achar que alguém não entenda isso, todo mundo entende, porque nós somos feitos da mesma farinha (Prado, 2010).

Pensamos que é essa fome de beleza que buscamos provocar. Na organização de um jardim, na pintura de um muro, pode existir arte à espera de contemplação de quem se detém para apreciá-la e vivê-la. Nesse percurso, as estudantes destacaram a arte em um ponto turístico da cidade: a catedral (Figura 3). Na arquitetura, assim como no jardim daquele operário, respira arte. O Grupo 2 destacou que a “arquitetura é uma arte, toda igreja [referem-se àquela que estão olhando] é arte”. Contudo, a construção lá estava, mas as estudantes não paravam para admirá-la. Não habitavam aquele espaço, eram apenas passageiras: “Passo por ali todos os dias e nunca parei para admirar, e nesse dia, eu parei e admirei. Muito lindo!”, relatou uma das integrantes do Grupo 2.

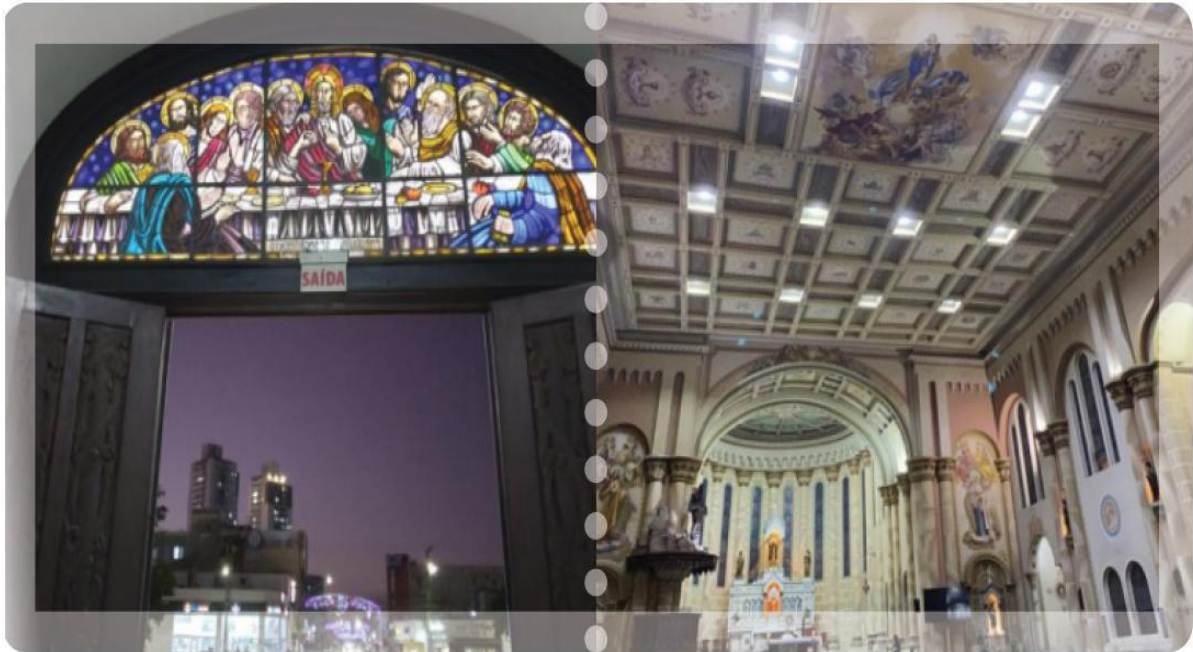
Figura 3 – O entorno da Igreja Matriz de Itajaí



Fonte: Curadoria do Grupo 2.

Ao apresentar seu itinerário, o Grupo 2, além de relatar que nunca perceberam a igreja como obra de arte, chamaram-na de “Monumento lindo”, de modo que cada detalhe provoca sensações de respeito, paz e silêncio. Ao observarem o teto da igreja, o Grupo 3 comentou que ele lembra uma obra de arte renascentista de Michelangelo ou, ainda, de Aleijadinho. Além do teto, sinalizaram que as laterais do templo possuíam artes dos vitrais e que elas evocavam uma sensação de plenitude pela sua claridade e, ao mesmo tempo, pelas suas cores (Figura 4). Sentimentos de admiração e fascinação foram citados também como provocações vividas diante dessa obra arquitetônica.

Figura 4 – Vitrais e teto da Igreja Matriz



Fonte: Curadoria do Grupo 3.

Essas narrativas dos grupos que exploraram a praça onde se encontra a Igreja Matriz revelam que há um esforço para reconhecer a igreja como monumento artístico e procuraram acionar os conhecimentos prévios que tinham, os quais poderiam auxiliá-los no reconhecimento desse produto artístico. Entendemos que esse exercício de educação do olhar pode tirá-las da anestesia quando são instigadas a conhecer mais, investigar os objetos, percebê-los e manter com eles uma relação de proximidade, pois “[e]xperimentar a sensação inteira e aceitar sua provocação é encarar a materialidade como um signo a ser desvendado” (Martins; Picosque, 2015, p. 322-323).

Provocadas a fotografar o que consideravam arte, os grupos elegeram registros fotográficos da fachada da igreja e do seu entorno e, nesse exercício, buscaram ressignificar um dos símbolos do cristianismo, a cruz (Figura 5). No entanto, a cruz está deitada!

Figura 5 – Cruz deitada



Fonte: Curadoria do Grupo 2.

As fotografias evidenciam que a observação e o registro visual da igreja e seu contexto são marcadas por intencionalidades que se mostram pelo ângulo escolhido. Para Egas (2017, p. 135), “[...] a fotografia ‘diz mais’ quando utilizada poeticamente para ‘dizer’ das coisas da vida”. O que a autora nos convida a pensar é sobre como a imagem revela nossas escolhas, de como ela avulta nossas experiências vividas. Ao acompanhar esse registro visual, constatamos o interesse do grupo em descobrir, desvelar esse objeto cultural, tão naturalizado para quem mora nesta cidade. Que conhecimentos são gerados nesse movimento sensorial? Martins e Demarchi (2016) sinalizam que a dimensão sensorial é matéria-prima da arte. Para as autoras, “[...] o sentimento e a percepção conduzem à cognição, à interrogação e à busca de sentido” (Martins; Demarchi, 2016, p. 134), e, por isso, não há como negar o lugar do sensorial na educação.

A provocação: um itinerário cultural vai se delineando

*Ela procura estudar o modo como a luz se
distribui
pelos cômodos a certas horas
e dar-se conta dos pontos de convívio entre o
dentro
e o fora [...].
(Marques, 2017c, p. 10-11).*

Marques (2017c), com seu poema, nos provoca a pensar nos entrelugares que deixamos de habitar, até por desconhecê-los, por eles se tornarem invisíveis pelas tensões vividas no dia a dia. Há pontos de convívio que ignoramos pela caminhada sempre apressada. Como dar-se conta desses pontos? Um dos caminhos pode ser o exercício poético provocado pelo mediador. Por meio de um olhar atento sobre o dentro e o fora, podemos ser provocados a tirar o véu desses pontos e tecer algumas narrativas.

Ao lado da Igreja Matriz de Itajaí, temos o Museu Histórico da cidade. São duas construções situadas em espaço central e que assumem papel também central no imaginário dos moradores ou visitantes que cruzam aquele cenário urbano. O museu está em um edifício imponente que abriga objetos de uso cotidiano, assim como obras de arte contemporâneas e de arte sacra. O itinerário proposto é que o grupo ladeasse o museu para ao fundo encontrar o muro de grafite que separa a Casa da Cultura do Museu Histórico. Nos encontros com a arte, o Grupo 1 narrou que o museu chamou atenção pela arquitetura, revelando um encantamento com a torre do prédio, enquanto o Grupo 2 observou que tiveram sensações de estranhamento frente a mesma arquitetura, tendo em vista a sua composição, uma construção que abriga ao mesmo tempo uma arquitetura mais antiga e outra mais moderna, evidenciando dois tempos distintos no mesmo espaço (Figura 6).

Figura 6 – Museu histórico – dois tempos



Fonte: Curadoria do Grupo 3.

Neste trajeto, dois objetos recebem a atenção do Grupo 2: a luminária de rua antiga e o pé de galinha de concreto que estão na frente do museu (Figura 7). A luminária é uma memória afetiva que remete à infância do grupo, enquanto o pé de galinha causou estranhamento, levando-as a se questionarem: “Onde será que eles colocam isso? Foi um artista que fez? É uma obra de arte?”. Martins e Demarchi (2016, p. 136) lembram o mote da 4ª Bienal do Mercosul, em 2003, em Porto Alegre: “a arte não responde, pergunta”.

Figura 7 – Memória afetiva e pé de galinha



Fonte: Curadoria do Grupo 2.

A arte está nas ruas e, também, nos jardins que nossos olhos e olfato alcançam. A provocação está posta: nesse andar sem a pressa do cotidiano, a arte pode ser percebida na arquitetura clássica assim como no grafite, na arte de rua, a qual foi associada à voz da rebeldia pelo Grupo 1 (Figura 8). Nas anotações de campo, as pesquisadoras registraram: “Fizeram relação com obra de arte/criatividade, mas também com rebeldia”. Essa associação foi feita pelas acadêmicas talvez porque relacionaram essa arte com a pichação e se mostraram provocadas por ela. Seria a oportunidade para pensar nos valores estéticos dessa produção artística, pois há um discurso enraizado acerca da arte de rua a ser problematizado, desvelando os discursos de poder que nele subjazem. “Mas pensar o olhar sobre algo que nos inquieta torna-se ainda mais instigante quando problematizamos aquilo que nos olha” (Ferrari; Oliveira, 2020, p. 3). A problematização é uma forma de se educar e ela aconteceu nesse processo por meio do registro cartográfico, das fotografias, da curadoria efetuada pelas estudantes na seleção do acervo de fotos escolhidas e na organização da exposição verbal com o grande grupo.

Figura 8 – Arte urbana: grafite



Fonte: Curadoria do Grupo 1.

Ao debruçarem-se sobre as marcas culturais da cidade, esse grupo de acadêmicas ampliou sua visão acerca da arte, passando a perceber que ela interfere no espaço urbano. Sem explicações, as mediadoras acompanharam o grupo e observaram suas narrações. Como o professor francês Jacotot diante de seus alunos holandeses que não sabiam o idioma francês, as mediadoras incentivaram as acadêmicas a percorrer seu próprio caminho, sem um mestre explicador, mas com um mestre que acompanha e orienta. Rancière (2013) com a história de Jacotot nos convida a pensar na função do professor mediador como aquele que não se ocupa com a transmissão de informações, mas com a prática da emancipação intelectual. “Essa forma de perceber a função e a ação do mestre, indica-nos que a função de explicador acaba por gerar o embrutecimento ou a acomodação, mas a ação do emancipador pode promover a mediação cultural” (Uriarte *et al.*, 2016, p. 39).

A caminhada dos grupos e seus espasmos diante dos objetos culturais sinalizam que há uma cidade invisível aos moradores de Itajaí, lembrando o romance de Ítalo Calvino. *As cidades invisíveis* são descritas por Marco Polo a Kublai Kan, compondo “[...] uma cartografia coletiva, em que uma cidade [se espelha] na outra,

gera outra, depende da outra, num processo de apagamento de autoria única [...] uma obra curiosamente construída de forma a dar passagem a muitos outros universos” (Neitzel, 2009, p. 112). O romance *As cidades invisíveis* (Calvino, 1990) convida-nos a pensar a cidade que habitamos como um território múltiplo, indeterminado, com imagens fugidias, que depende do olhar daquele que ocupa esse território para lhe atribuir sentidos, e por isso, sua cartografia é movente.

Uma estudante, entre tantos elementos para ver, elegeu a luminária. E por que a luminária? Pela memória afetiva da infância, “por causa de um filme a que eu assistia na infância”. Disse nossa interlocutora que, no filme, havia luminárias na rua que ela nunca esqueceu. Entretanto, ao observar e se extasiar, ela elegeu novamente a luminária que estava guardada no seu ser. E como uma luminária se transforma em arte? Qual é o entendimento do que é arte para essa acadêmica que logo será professora e, portanto, mediadora cultural?

A experiência vivida pode nutrir a percepção das estudantes a respeito do que é arte e provocar experiências estéticas. Diante dessa provocação, no exercício de leitura e de interpretação, ativa-se a imaginação, e os processos criativos podem ser reelaborados, em um movimento integrador entre objetividade e subjetividade, como sinalizam Martins e Demarchi (2016). Além disso, enquanto as acadêmicas tentavam entender o que estavam vendo, um movimento de compreender também a si pôde ser deflagrado.

A interação: a arte e a vida se interpenetrando

*(Como conversam as coisas com as coisas?)
(Marques, 2017d, p. 13).*

Depois de uma caminhada pela praça da Matriz, a observação da igreja como monumento artístico, o percurso em direção ao Museu Histórico e ao muro de grafite, o grupo encontrou a Casa da Cultura Didi Brandão, espaço que ainda não tinha sido explorado pelas futuras professoras. Na frente da Casa da Cultura, as acadêmicas contemplaram a construção histórica. A imagem da Figura 9 revela

um questionamento acerca da história: esta construção era uma escola que abrigava, de um lado, as meninas e, de outro, os meninos, uma escola cuja própria arquitetura registra um conflito de um tempo em que homens e mulheres não podiam compartilhar espaços.

Figura 9 – Fachada da Casa da Cultura Didi Brandão



Fonte: Curadoria do Grupo 3.

Portas e janelas abertas para duas exposições de artes visuais na Casa da Cultura Didi Brandão, *Palavra cinza*, de Kim Kauã Cunha Coimbra, e *Nossa Alma*, de Mariana Ferret. Além das artes visuais, a peça teatral *Bio – Círculo da vida*, apresentada pelo grupo Metamorfose Cia Cênica, e apresentações musicais compunham a cena artística da experiência estética nesse local.

Se os espaços urbanos exigiram das acadêmicas um esforço para identificar o que era arte e o que não era naquele percurso, ao adentrar o espaço da Casa da Cultura Didi Brandão, elas não tiveram dúvidas de que aquilo era arte, tendo em vista que o espaço legitimava as obras. Essa certeza de que aquele espaço era o lugar da arte, repercutiu no número de fotografias que compunham a curadoria elaborada pelas acadêmicas. Que percepções esse grupo revelou diante da exposição fotográfica do artista Kim Kauã Cunha Coimbra, que apresentou uma sequência de fotos de uma mão, nas paredes da sala, em uma única linha (Figura 10), cujos movimentos entre os modos de apresentar as imagens eram quase imperceptíveis?

Figura 10 – Exposição do artista Kim Kauã Cunha Coimbra



Fonte: Curadoria do Grupo 2.

O Grupo 1 relatou que as fotografias das mãos davam a sensação de alguém segurando algo. Revelaram sentimento de estranhamento nessa exposição, primeiro porque era de um único artista (e uma delas relatou que nunca tinha apreciado a exposição de um único artista), segundo porque era uma exposição que conjugava artes visuais com a narração do artista, que repetia um roteiro gravado em um canto da sala, demarcando uma exposição, conforme ele, introspectiva.

O Grupo 2 revelou sensações de agonia, por não entender a exposição, o que provocou no grupo um vazio. Esse estranhamento é justificado com a afirmação de que faltava alguma coisa (o que demonstra como estavam incomodadas pela obra). O estranhamento frente à exposição causou nas acadêmicas suspensão de conectividades, incomodando-as a ponto de não

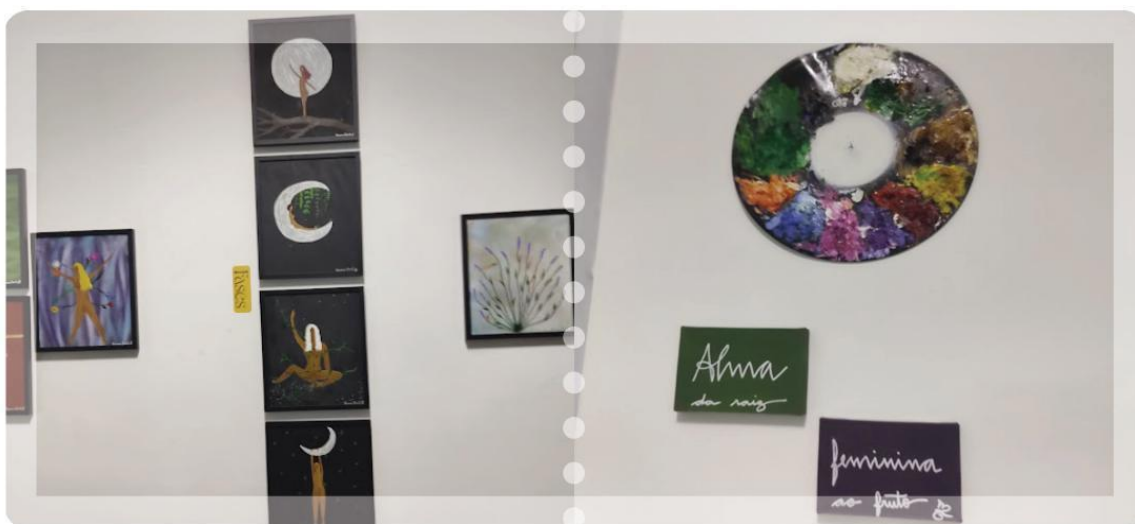
conseguirem externar verbalmente o significado poético atribuído. Segundo Roldán e Bustamante Díaz (2012, p. 141):

Cuando se busca con ahínco decir con palabras todo lo que se ve en la imagen y únicamente lo que se ve en la imagen fotográfica, experimentamos muy vivamente la dificultad de establecer cuáles son los vínculos, roces y alusiones entre las imágenes y las palabras, y comprobamos los límites de lo que puede y no puede decirse o mostrarse con unas y otras¹.

Com a mediação do artista, a exposição foi mais acessível, evidenciando que, quando a mediação é provocadora, aproxima o público da obra, leva-o a estabelecer relação com os objetos apresentados e a construir sentidos. Em sua apresentação, as acadêmicas relataram que entendem que, mesmo que a arte não seja compreendida, ela não perde seu valor.

O Grupo 2 considerou a arte da Mary Ferret mais fácil de ser compreendida, além de ser colorida, os “desenhos eram mais certinhos”. Revelaram uma identificação com essa obra afirmando que a temática era sobre o feminino, causando uma relação de pertencimento. A exposição (Figura 11) mostra as fases da lua relacionadas pelas acadêmicas com as fases da mulher. “Fiquei fascinada”, uma das acadêmicas relatou.

Figura 11 – Obra da artista Mary Ferret



Fonte: Curadoria do Grupo 1.

Entretanto, houve também deslocamentos, como narrou uma outra acadêmica também do Grupo 2: “Primeiro estranhei, mas depois pensei que podia ser as cores da nossa alma”. Segundo Roldán e Genet (2012, p. 166):

Preguntar, responder y dialogar con imágenes visuales son operaciones que se sostienen en procesos de comunicación tan complejos y ricos, tan ambiguos o definitivos, tan sugerentes o tan absurdos, tan personales y tan socialmente condicionados, como en cualquier otra forma de comunicación, incluido, por supuesto, el lenguaje verbal².

Com Egas (2017), aprendemos, por meio da fotografia, a externarmos nossos pontos de vista e construirmos narrativas, ampliando nossa percepção espacial e temporal. Por meio delas, podemos exprimir pensamentos visuais que revelam não apenas uma realidade a ser registrada, pois o discurso visual possibilita significados amplos, mas um jogo visual que nos convida à formulação de conectividades, um diálogo que parte da potência da imagem e compõe uma poética visual. A interação com os artistas naquele espaço ampliou as possibilidades de construção dessa poética.

Além de serem provocadas por duas exposições de artes visuais, a peça *Bio – Círculo da vida* foi outro desafio a ser explorado. A peça de teatro exigiu que o público fosse ao palco, tirasse seu calçado e escolhesse um outro que estava disposto em um grande círculo. Ao calçar o sapato, o público retirava a carta que estava ao lado, procurava um lugar para lê-la, em silêncio, em voz alta ou por meio de *QR Code* podia escutar sua narração. São múltiplas as narrativas de pessoas simples, que lutam no seu dia a dia para viver histórias que revelam uma constelação de pensares e sentires. Uma experiência pela interação vai sendo construída, silenciosamente, e os registros pelas mãos das acadêmicas é abandonado, pois estão imersas na peça, e o ambiente está escuro. A única fotografia apresentada pelo grupo é a do palco (Figura 12), antes de iniciar a peça, assim justificada pelo Grupo 1: “Nosso estranhamento foi com a cortina, o camarim por trás do artista no teatro. A cortina lembra o palco, que lembra a vida. A vida é um teatro, cada momento que se acaba, se fecham as cortinas”.

Figura 12 – Diante da bambolina



Fonte: Curadoria do Grupo 1.

O Grupo 2 relatou sobre a peça: “A partir da história, eu lembrei do meu padrasto, porque li sobre uma história de uma pessoa que cuidava de outra”. Outra acadêmica desse grupo narrou: “Me senti reflexiva sobre as pessoas que cuidam de mim”. O Grupo 3, ao se manifestar sobre a peça de teatro, se centra na temática, sinalizando que ela faz questionamentos quanto ao envelhecimento, doenças: “Quem vai cuidar de mim? Porque eu também cuido de uma pessoa com Alzheimer, como a história que a peça contou”. Uma das professoras mediadoras afirmou: “Na narrativa que li, encontrei a minha história de vida”. A peça teatral se construiu como uma prática artística que explora o jogo entre o público e a obra que está por se fazer. Uma peça que evoca a interação do público e, por isso, ao jogar com a obra, há de “[m]over-se para ativar a obra” (Martins; Demarchi, 2016, p. 136). Contudo, não só. A interação, segundo as autoras, se volta para o outro produzindo diálogos, colocando-os em uma posição de reconhecer a alteridade dos encontros.

Ao longo desta pesquisa, objetivamos explorar o que foi percebido e o que foi vivido como bagagem artística/cultural por estudantes do curso de Pedagogia.

Além do encontro com os objetos artísticos, as provocamos a escutar os sons da cidade, com o intuito de mobilizá-las a aguçar sua percepção; afinal, foi um percurso percorrido não apenas com os olhos, mas também com os ouvidos. Que sons esses grupos conseguiram perceber ao perambular pelas ruas da cidade e pelos espaços de cultura? O Grupo 1 registrou apenas três sons: da criança brincando com o pai; a fala do artista Kim Kauã, na Casa da Cultura, em seu monólogo reproduzido na sala de exposição; e o caminhão da Prefeitura. O Grupo 2 revelou que foram: sino da igreja; carros; grilos; áudio da voz do artista Kim Coimbra em sua exposição; música que estava tocando na Casa da Cultura. O Grupo 3 não registrou sons. O que nos leva a pensar sobre esse movimento de escuta? Que ele pode ser a porta de entrada para o pensamento sobre a vida que nos cerca, nos levando a habitar nossa cidade e a refletir sobre como produzimos arte. Arte e vida são indissociáveis.

Neitzel e Ramos (2022, p. 31), ao discutirem como a leitura do literário pode oportunizar a experiência estética e artística, questionam: “Como a poesia entra em nossa vida?”. As autoras enfatizam que os modos dependem do repertório de cada ser, das experiências vividas, de como cada um se relaciona com a poesia, as coisas e a vida. A escuta dos sons, a percepção da cidade, a observação de espaços culturais e seu registro pela fotografia podem produzir imagens poéticas que repercutirão em nós.

Ao finalizarem a exposição de sua curadoria fotográfica, os grupos afirmaram: “Essas aulas fora da universidade são sobre a vida” (Grupo 3); “A experiência na aula de campo leva a reencontros consigo mesmo, foi incrível” (Grupo 3); “Gostei muito da aula de campo. São coisas que a gente não vê no dia a dia” (Grupo 2). Uma das professoras mediadoras registrou ao final do percurso: “Os grupos se mostraram muito animados, atenciosos, fotografando, registrando, curtindo e interagindo com as obras”. Todo esse conjunto de dados evidencia como objetos estéticos podem potencializar a aprendizagem, como podem ser matéria-prima da educação.

Considerações finais

Como nossa investigação, de natureza qualitativa, que teve o objetivo de explorar o que foi percebido e o que foi vivido como bagagem artística/cultural por estudantes do curso de Pedagogia, se fez com arte e com pessoas que são nossas interlocutoras empíricas e nós como pesquisadoras também imbricadas, tomamos a dimensão do sensível para tratar e comunicar o percebido e o vivido. A ação nasce do desejo de contribuir para a formação das educadoras por meio de vivências artísticas. O que emergiu como arte nessa proposição educativa vivida pelas estudantes de Pedagogia em uma noite, na cidade de Itajaí-SC? Como as estudantes fizeram a curadoria dos registros vividos em apresentação ocorrida em sala de aula na semana seguinte? O que é arte para esse grupo de acadêmicas? Com base nesses questionamentos, tecemos algumas notas retomando a pesquisa vivida e assoprando notas que podem ser retomadas em outros estudos relacionados à(s) arte(s) na docência ou à docência de arte(s).

Onde buscar e viver a arte em cidades do interior do Brasil distantes, por exemplo, de galerias de arte? A exemplo do relato de Adélia Prado, a arte está ao nosso redor. Procuremo-la! Veja, por exemplo, uma roda de plástico dentro de um vaso sobre a mesa em uma casa de periferia. No centro da mesa, além do vaso, há um guardanapo de pano. Isso é a beleza arquitetada pela moradora. A arte está nas ruas das cidades, nas sacadas das casas.

- i) Se arte está na cidade e as pessoas habitam a cidade, não temos um conceito de arte em que o fruidor é mero espectador. Nesse caso, o fruidor anda pela cidade como se ela fosse uma instalação e estivesse à nossa espera para vivê-la, para viver uma experiência estética.
- ii) Para viver a cidade, há de termos tempo, ou melhor, disponibilidade ou intencionalidade. Talvez nossos estudantes precisem ser provocados a viver a cidade como uma proposição artística e estética. Não queremos, com isso, dizer que não seja oportuno acessar casas de cultura, museus,

porém que também busquemos a arte em outros espaços por entendermos que arte não é apenas para ser contemplada, mas também vivida.

iii) Lembramos que, no passeio, as estudantes foram convidadas a fotografar, de modo que ficaram excluídas outras formas de arte que não pudessem ser capturadas por outra forma de registro. Sobre a harmonia dos sons, buscamos mobilizá-las. Há outras composições artísticas nas cidades que podem ser vividas?

iv) Em ambientes externos, nas ruas, as acadêmicas priorizaram as formas criadas pelo ser humano e materializadas na arquitetura e atentaram para cores, formas, dimensões. Nos ambientes internos, reconhecidos como espaços de arte, elas mostraram estranhamentos ao questionarem se aquilo era arte.

Somos feitos da mesma farinha. E por sermos da mesma farinha, da mesma matéria, o entrecruzamento entre os conceitos de arte de uma comunidade, de um grupo de estudantes do curso de Pedagogia, de pesquisadoras foi colocado em tela neste artigo como se estivessem em correspondência. Aliás, o livro cujas epígrafes integram este artigo também se fez por meio de correspondências. Para que haja correspondência entre a arte da cidade e os seus habitantes, é necessário o domínio da mesma linguagem. Para que aqueles que cruzam o centro das cidades também o habitem, carece de conhecer as múltiplas linguagens que constituem a(s) cidade(s). E o conhecimento das linguagens ocorre pela educação, no caso pela educação que confere aos moradores a experiência da arte.

Como resultados, identificamos que as acadêmicas fizeram o exercício poético de enxergar a arte na cidade e, nesse movimento, aguçaram sua percepção e descobriram muitas coisas que passavam despercebidas no dia a dia. Elas mostraram desconfortos diante de objetos de arte que se encontravam na Casa da Cultura e mobilizaram-se para com eles interagir, surpreendendo-se. Por meio de suas falas, entendemos que os objetos estéticos podem potencializar a

aprendizagem, quando não são apartados da vida, que a experiência estética mobiliza saberes importantes para a formação do licenciando e, nesse sentido, amplia seus olhares não apenas para modos de ver e fazer arte, mas, principalmente, para modos de ver e entender a vida.

Notas

- ¹ “Quando se procura com afincado dizer com palavras tudo o que se vê na imagem e apenas o que se vê na imagem fotográfica, experimentamos muito vivamente a dificuldade de estabelecer quais são as ligações, fricções e alusões entre as imagens e as palavras, e verificar os limites do que pode e do que não pode ser dito ou mostrado uns com os outros” (Roldán; Bustamante Díaz, 2012, p. 141, tradução nossa).
- ² “Perguntar, responder e conversar com imagens visuais são operações que se sustentam em processos comunicacionais tão complexos e ricos, tão ambíguos ou definidores, tão sugestivos ou absurdos, tão pessoais e socialmente condicionados, como em qualquer outra forma de comunicação, inclusive, claro, a linguagem verbal” (Roldán; Genet, 2012, p. 166, tradução nossa).

Referências

- ARROYO, Miguel González. Uma celebração da colheita. In: TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; LOPES, José de Souza Miguel (org.). *A escola vai ao cinema*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 125-133.
- CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Tradução: Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- EGAS, Olga Maria Botelho. *Metodologias artísticas de pesquisa em educação e deslocamentos na formação docente: a fotografia como construção do pensamento visual*. 2017. 293 f. Tese (Doutorado em Educação, Arte e História da Cultura) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2017.
- FERRARI, Anderson; OLIVEIRA, Bruna Tostes de. Marcas na escola: pichação, grafite e subjetividades no ensino com arte. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 45, n. 1, e88923, p. 1-21, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-623688923>
- GADOTTI, Moacir. *A questão da educação formal/não formal*. Texto apresentado ao Institut International Des Droits De L'enfant (IDE). Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes ou problème sans solution? Suíça, out. 2005. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5633199/mod_resource/content/1/eudca%C3%A7%C3%A3o%20n%C3%A3o%20formal_for_mal_Gadotti.pdf. Acesso em: 18 ago. 2023.
- GATTI, Bernardete A.; GUIMARÃES, Luisa Veras de Sandes; PUIG, Daniel Fils. *Uma cartografia na formação de professores para a educação básica: práticas e soluções inovadoras em propostas curriculares*. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados, Universidade de São Paulo, 2022.
- GIACOMIN, Melina. *Cata-ventos de poesia: vivências poéticas com crianças na pré-escola*. 2022. 164 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2022.
- ICLE, Gilberto (org.). *Formação e processos de criação: pesquisa, pedagogia e práticas performativas*. São Paulo: Max Limonad, 2021.

MARANGONI, Marli. *Brincadências com a poesia infantil: um quintal para o letramento poético*. 2015. 229 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de Caxias do Sul e Centro Universitário Ritter dos Reis, Caxias do Sul, 2015.

MARQUES, Ana Martins. Apenas ficar aqui [...]. In: MARQUES, Ana Martins; JORGE, Eduardo. *Como se fosse casa (uma correspondência)*. Belo Horizonte: Relicário, 2017a. p. 21.

MARQUES, Ana Martins. Quando alugamos um apartamento [...]. In: MARQUES, Ana Martins; JORGE, Eduardo. *Como se fosse casa (uma correspondência)*. Belo Horizonte: Relicário, 2017b. p. 23.

MARQUES, Ana Martins. Ela procura estudar [...]. In: MARQUES, Ana Martins; JORGE, Eduardo. *Como se fosse casa (uma correspondência)*. Belo Horizonte: Relicário, 2017c. p. 10-11.

MARQUES, Ana Martins. (Como conversam as coisas com as coisas?). In: MARQUES, Ana Martins; JORGE, Eduardo. *Como se fosse casa (uma correspondência)*. Belo Horizonte: Relicário, 2017d. p. 13.

MARTINS, Mirian Celeste; DEMARCHI, Rita de Cássia. Educação como matéria-prima e mediação cultural: entreS experiências. *Revista Matéria-Prima*, Lisboa, v. 4, n. 3, p. 128-138, 2016.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. Travessias para fluxos desejantes do professor propositor. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de (org.). *Arte, Educação e Cultura*. Santa Maria, 2015. p. 317-327.

MEIRA, Ana Marta. Olhares das crianças sobre a cidade de Porto Alegre. *Revista GEARTE*, Porto Alegre, v. 9, p. 1-14, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22456/2357-9854.128443>

NEITZEL, Adair de Aguiar. *O jogo das construções hipertextuais*. Florianópolis: Editora da UFSC; Itajaí: Editora da Univali, 2009.

NEITZEL, Adair de Aguiar; RAMOS, Flávia Brocchetto. A leitura do literário como experiência artística e estética. In: CARVALHO, Mário de Faria; BRACCHI, Daniela Nery; PAIVA, André Luiz dos S. (org.). *Estéticas dissidentes e educação*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. p. 22-41. Disponível em: https://www.pimentacultural.com/_files/ugd/6f8845_892bc172b41c460cb9615533c59d81d1.pdf. Acesso em: 2 jul. 2023.

PAREJA, Cleide Jussara Müller. *A mediação da leitura do literário no Ensino Superior*. 2021. 192 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2021.

PRADO, Adélia. Sobre a poesia. *Letra in.verso e re.verso*, [s. l.], 29 jul. 2010. Disponível em: <https://www.blogletras.com/2010/07/sobre-poesia.html>. Acesso em: 18 ago. 2023.

PUPO, Maria Lucia de Souza Barros. A arte de formular perguntas. In: ICLE, Gilberto (org.). *Formação e processos de criação: pesquisa, pedagogia e práticas performativas*. São Paulo: Max Limonad, 2021. p. 8-12.

RANCIÈRE, J. *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Tradução: Lilian do Vale. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

ROLDÁN, Joaquín; BUSTAMANTE DÍAZ, María José. Imágenes y palabras: mira lo que veo Cómo fotografían su escuela las niñas y los niños. In: ROLDÁN, Joaquín; MARÍN VIADEL, Ricardo (org.). *Metodologías artísticas de investigación en educación*. Málaga: Edicions Aljibe, 2012. p. 138-161.

ROLDÁN, Joaquín; GENET, Rafaèle. FotoDiálogos: preguntas y respuestas visuales para el aprendizaje de los conceptos fotográficos. In: ROLDÁN, Joaquín; MARÍN VIADEL, Ricardo (org.). *Metodologías artísticas de investigación en educación*. Málaga: Edicions Aljibe, 2012. p. 162-195.

URIARTE, Mônica Zewe; NEITZEL, Adair de Aguiar; CARVALHO, Carla; KUIPEC, Anne. Mediação cultural: função de mestre explicador ou ação de mestre emancipador? In: NEITZEL, Adair de Aguiar; CARVALHO, Carla (org.). *Mediação cultural, formação de leitores e educação estética*. Curitiba: CRV, 2016. p. 37-52.

Adair de Aguiar Neitzel

Possui graduação em Letras (Português/Inglês) pela Universidade da Região de Joinville/SC, Mestrado em Teoria Literária e Doutorado em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina, ambos os cursos stricto sensu com bolsa CAPES. Bolsista do CNPq no ano 2000 para cursar doutorado sanduíche na Sorbonne Nouvelle sob a orientação de Henri Behar, desenvolvendo pesquisa sobre Literatura e Informática. Nos anos 2010-2013 e no ano de 2015 bolsista da CAPES para atuar como Coordenadora Institucional do PIBID UNIVALI. Em 2017 atua no PIBID UNIVALI como coordenadora de área do curso de Letras. De 2013-2014 recebe bolsa da CAPES para o Programa de Estágio Sênior no Exterior, Pós-doutorado na Universidade Paris VII - Diderot, desenvolvendo pesquisas sobre literatura em colaboração com a professora Anne Kupiec no Laboratoire de Changement Social et Politique (LCSP). Desenvolve também trabalhos de cooperação internacional com as pesquisadoras Agnès Lontrade e Sandrine Morsilo da Universidade Paris I, Institut ACTE (Arts, Créations, Théories, Esthétiques). Participa da pesquisa em rede com 23 universidades da América Latina, executada pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, intitulada Formação docente em e com artes/culturas. Membro do NUPILL - Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística da UFSC até 2018. Professora de Língua Portuguesa e Língua Inglesa para o ensino fundamental e ensino médio da rede pública estadual de educação de Santa Catarina entre os anos 1982-2006. Professora da Universidade do Vale do Itajaí, orientando pesquisas no Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIVALI, no âmbito do Mestrado e Doutorado. Professora no curso de Letras e em outros cursos do NID na modalidade digital. Líder do Grupo de Pesquisa Cultura, Escola e Educação Criadora. Pesquisa os seguintes temas: literatura, arte na educação, leitura em meio digital, formação de leitores, formação de professores e educação estética. Integrante da Coordenação Adjunta da SEB/MEC do PNLD Literário 2021 - objeto 5. Avaliadora do SEB/MEC do PNLD didático 2022 - objeto 1. Avaliadora do SEB/MEC do PNLD didático 2022 - objeto 2.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0096-5892>

E-mail: neitzel@univali.br

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/2188280650985303>

Flávia Brocchetto Ramos

Professora Titular na Universidade de Caxias do Sul. Doutor e Mestre em Letras pela PUCRS. Especialista em Literatura Brasileira pela PUCRS e graduada em Letras e Biblioteconomia pela UCS. Realizou estágio de pós-doutoramento em Educação na FaE/UFMG. Desenvolveu pós-doutorado, como pesquisadora sênior pela CAPES, na Universidade de Lisboa, no Instituto de Ciências Sociais, sob orientação de José Machado Pais. Na docência, atuou na Educação Básica na rede pública e é docente em nível de graduação e pós-graduação (Mestrado e Doutorado em Educação e Doutorado em Letras). Coordenou o Programa de Pós-graduação em Educação (Cursos de Mestrado e Doutorado) no biênio 2017 a 2019. Membro do Comitê Interno do PIBITI/CNPq e do PROBITI/FAPERGS da Universidade de Caxias do Sul desde 2011. É editora na Revista Conjectura/UCS. Tem experiência na área de Educação e Letras, com ênfase em Literatura infantil, focalizando leitura, literatura, biblioteca e mediação de leitura na Educação Básica. Autora de livros e de artigos em periódicos especializados. Orienta estágios, bolsas de iniciação científica, dissertações de mestrado e teses de doutorado. Líder do Grupo Observatório de Leitura e Literatura - OLLI, cadastrado no CNPq. Avaliadora do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior - SINAES/INEP/MEC e, no período de 2010 a 2014, do Programa Nacional Biblioteca da Escola. Membro da Comissão Técnica para o Programa Nacional Biblioteca na Escola - PNBE 2015, por indicação da Secretaria de Educação Básica, do Ministério de Educação. Integrante da Coordenação Adjunta da SEB/MEC do PNLD 2018, em Língua Portuguesa e da Coordenação Pedagógica do PNLD Literário 2018 e PNLD Literário 2020. Em 2022, recebeu a outorga Mérito Científico - Medalha Virvi Ramos - pelo Conselho Universitário da Universidade de Caxias do Sul.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1488-0534>

E-mail: ramos.fb@gmail.com

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/1742135960263892>

*Recebido em 25 de setembro de 2023
Aceito em 12 de dezembro de 2023*

